



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Linha de Pesquisa: Geografia Urbana

GENILSON MORAIS SOARES DA SILVA

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MULUNGU-PB

**Campina Grande
2022**

GENILSON MORAIS SOARES DA SILVA

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MULUNGU-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Faustino Moura Neto

**Campina Grande
2022**

S586p Silva, Genilson Moraes Soares da.
O processo de urbanização no município de Mulungu-Pb
[manuscrito] / Genilson Moraes Soares da Silva. - 2022.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Faustino Moura Neto, Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Geografia humana. 2. Urbanização. 3. Meio ambiente. I.
Título

21. ed. CDD 304.2

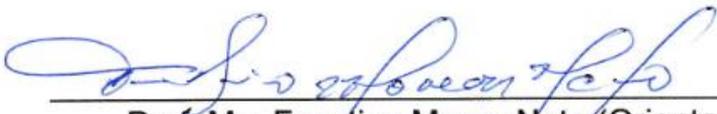
GENILSON MORAIS SOARES DA SILVA

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE MULUNGU-PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia Área de concentração: Geografia Urbana.

Aprovada em: 24/11/2022. BANCA EXAMINADORA

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Faustino Moura Neto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Dra. Angélica Mara Lima Dias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
LUCIANO GUIMARAES DE ANDRADE
Data: 30/11/2022 17:02:55-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Me. Luciano Guimarães de Andrade
SEDUC/Prefeitura de Cabaceiras/PB

**Dedico este trabalho ao saudoso Genilson
Filho.**

**“Do homem são as preparações do coração,
mas do SENHOR a resposta da língua.”**

(Provérbios 16:1)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sua Misericórdia na minha vida, por ter me sustentado nos momentos mais défices que passei nesse processo.

A minha esposa Rita de Kácia, por todo apoio dado a mim durante essa jornada, por ser a pessoa que mais me apoia e acredita na minha capacidade.

Ao meu filho Iann Rudson que tanto me acolheu nos momentos das adversidades com o seu ombro amigo e filho amável e compreensivo.

Como também a minha sogra Dona Luzia Marcelino que a todo tempo apresenta um comportamento de mãe e incentivadora direta e indiretamente.

Ao meu orientador Professor Me. Luciano Guimarães, por me dá a alegria e a satisfação de está ao meu lado nessa trajetória, de dedicar grande parte do seu tempo para me ajudar na elaboração deste trabalho, com sua experiência e grande contribuição.

A todos os professores do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo de toda essa caminhada, com aulas muito proveitosas que ajudaram para a realização deste trabalho.

A todos os meus colegas das turmas que passei durante todos esses anos, fizeram parte da minha vida e ficarão guardados na minha memória, pelas brincadeiras, risadas e muito conhecimento que compartilhamos juntos durante toda essa jornada.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma discussão sobre as mudanças habitacionais ocorridas na cidade de Mulungu no final do século XX até os dias atuais. Analisou-se o início com as casas de taipas e as influências econômicas para transformarem essas moradias em casas de alvenaria, valorizando o lugar com o afastamento das classes mais carentes para longe do centro da cidade. Notadamente, a zona urbana de Mulungu recebeu novas ações de engenharia e foram reorganizadas suas vias principais com afastos e galerias pluviais, valorizando assim o mercado dos imóveis, além de atrair o comércio para uma melhor centralização da feira livre, onde a moeda do real circula fluentemente, garantindo a venda facilitada dos produtos pelo agrupamento social, elevando o preço da área comercial. A prefeitura, as agências bancárias, os supermercados, as lojas, as escolas e os serviços essenciais de pagamentos e saúde foram fixados no centro urbano de Mulungu. Isso favoreceu muito a valorização econômica dos imóveis.

Palavras chaves: cidade, engenharia, zona urbana

ABSTRACT

This scientific work wants to present and discuss the urban changes in Mulungu town until the 20th century to present day. It was analyzed the beginning with the 'mud houses' and the economic influences to transform those houses into masonry houses, valuing the place with the removal of the poorer classes far from the downtown. Notably, the urban area of Mulungu town received new engineering actions and its main roads were reorganized with distance and sanitation, thus valuing the real estate market, in addition to attracting commerce for a better centralization of the fair, where the currency of the real circulates fluently, guaranteeing the facilitated sale of products by the social group, raising the price of the commercial area. The city hall, bank branches, supermarkets, shops, schools and essential payment and health services were established in the Mulungu's downtown. This greatly favored the economic appreciation of properties.

Keywords: city, engineering, urban area

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS CASAS DE MULUNGU	12
2.1 DESENVOLVIMENTOS URBANÍSTICOS DO MUNICÍPIO DE MULUNGU.....	17
2.2 OS RECURSOS HÍDRICOS DE MULUNGU CONTRIBUÍRAM PARA CONSTRUÇÃO DAS PRIMEIRAS CASAS DO MUNICÍPIO.....	19
3 O MEIO AMBIENTE E A CIDADE DE MULUNGU	20
3.1 AS MUDANÇAS ECONÔMICAS NO ESPAÇO URBANO DE MULUNGU.....	22
4 METODOLOGIA	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXO	36

1 INTRODUÇÃO

As sociedades humanas ao longo de sua história, sempre procurou fiar residência nas proximidades dos recursos hídricos, sobretudo dos rios. Um exemplo evidente desta busca foi o povo do Antigo Egito, que habitou nas margens do Rio Nilo, pois isto facilitou suas alimentações com pesca e caça, além dos recursos hídricos que o rio oferecia. A importância deste rio para o povo do Egito era tão grande, que o grego Heródoto falou: “O Egito é uma dádiva do Nilo”, mostrando que o Rio Nilo foi de suma importância para o desenvolvimento do Antigo Egito¹.

Dados arqueológicos revelam que as primeiras cidades da humanidade foram localizadas na Mesopotâmia "Uruk, como sendo a primeira cidade notoriamente 'urbana'. Em torno de 3500 a. C"².

O homem tem modificado o espaço geográfico o tempo todo pensado nos seus interesses pessoais, ao construir grandes cidades sem um planejamento adequado, provocando grandes impactos ambientais³.

A história da urbanização brasileira teve início por volta do século XVI, com a formação das primeiras cidades próximo ao litoral, em função da produção do açúcar, pois nessa área era propícia para o plantio da cana de açúcar e o escoamento do produto deste produto para outras regiões. Em 22 de janeiro de 1532, foi fundada a primeira vila portuguesa em terras brasileiras, que ficou conhecida historicamente por Vila de São Vicente.

Especificamente, busca conhecer as formas, critérios e indicadores para se avaliar a qualidade de vida de uma dada população, compreender a relação do indivíduo com o espaço urbano, identificamos através do fundamento teórico com renome nacional no tema, autores como: MAIA (1978), MENEZES (2013), OLIVEIRA (2008), SANTOS (1979) entre outros.

Nesta mesma linha de construções das cidades, nem sempre foi bem introduzida a engenharia urbana, pois há lugares nestas zonas urbanas que não respeitam os limites, construindo-se casas em lugares que apresentam perigos

¹ Disponível em: < <https://www.google.com/+um+davida+para+o+egipso+>>. Acesso em: 10. out. 2022.

² Disponível em: < <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/urbanizacao-mundo.htm> >. Acesso em: 12. out. 2022.

³ Disponível em: < <https://www.google.com/+urbaniza+brasileira+>>. Acesso em: 12. out. 2022.

constantes, faltam infraestrutura habitacional, saneamento básico e as ruas sem direcionamento de perímetro urbano; ocasionando amontoado de moradias, que muitas vezes são irregulares, apresentando perigos constantes para os habitantes do lugar. Estes lugares são chamando de favelas, um veredeiro caleidoscópio de cores, casas e pessoas que mudam de lugares constantemente.

Na Paraíba, muitas cidades foram construídas com base nas dependências econômicas da produção agrícola, principalmente a cana de açúcar, que gerou muitos “empregos de subsistências”, mas dificultava o desenvolvimento escolar das pessoas, elevando o índice de analfabetismo na região.

O município de Mulungu no interior do estado paraibano não foi diferente, pois muitas casas foram formadas entornou dos barracões dos comércios, onde as pessoas eram exploradas e tinha total dependências dos donos desse estabelecimento comercial. Eles vendiam com preços altos e com prazos para prender as famílias economicamente, onde sempre tinham que voltar para inicia nova compra e assim ficar no círculo de dívida gerada sempre anteriormente.

Desde a fundação da cidade de Mulungu, que as casas eram construídas com madeira, bambu e barro, as chamadas casas de taipa, devido os fatores de pobreza da maioria da população, porque a casa de taipa era construída sem custo para as famílias.

Hoje, as casas estão totalmente modificadas, raramente tem uma casa de taipa, pois as cerâmicas envolta do perímetro urbano geraram empregos economicamente e condições para as construções com alvenaria e baixo custo de produção de tijolos, contribuíram muito para estas modificações do processo habitacional da cidade de Mulungu.

2 O SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS CASAS DE MULUNGU

O surgimento das primeiras casas do município de Mulungu ocorreu com a passagem dos tropeiros que faziam o transporte de mercadorias entre as cidades de Guarabira e Itabaiana, onde os quais pernoitavam durante o percurso da viagem.

Neste lugar, geograficamente falando, era um ponto de apoio estratégico para servir a esses grupos de comerciantes andarilhos que ali passavam. Assegura Oliveira (2007, p. 16-17) “os tropeiros que vinham do litoral com suas boiadas em direção ao sertão, estabelecendo-se um comércio e pousada para os viajantes, tornando-se um pequeno polo comercial com as vendas de gados como também produtos alimentícios.”

A cidade de Mulungu foi construída com suas ruas delimitadas pela própria população, porque na época o município não tinha fiscalizações públicas. As áreas das casas tinham um seguimento que visava apenas estabelecer as passagens de pessoas com seus produtos em lombo dos animais. “No interior da Paraíba podemos notar o rápido crescimento das estradas na década de 1920” (MAIA, 1978 p. 41).

Alguns tropeiros passaram a morar nessa área que hoje é a zona urbana de Mulungu e se juntaram as famílias que já haviam no lugar, pois eles reconheceram que tinham uma gama de oportunidade no lugar para crescer economicamente com aquelas terras. Fartura de madeira e sem concorrência comercial, então alguns se estabeleceram ali, almejando vendas de produtos e riquezas econômicas. Para Pessoa (2003, p. 37) “apresenta pontos que tropeiros mudavam suas ações para melhoria de vida com as moradias do lugar, isto, deve-se ao estudo sobre o comércio em costas de burros e uma visão generalizada sobre os movimentos tropeiros”.

Esse conhecimento foi obtido empiricamente pelas pessoas que habitaram no início das primeiras casas de Mulungu, que eram de taipa e também do conhecido pau a pique, casas feitas de barro com madeira. Continuando a pesquisa empírica e registros históricos encontrados em algumas residências, que os moradores apresentaram, fotos, papéis da época e as memórias das pessoas idosas que relataram os fatos. Daí a importância desta obra científica para servir de documentos de futuras pesquisas.

Matéria prima em abundância naquele período. Todas as casas da época tinham portas que abriam em cima e deixam a parte de baixo fechada para impedir que as crianças passassem para fora e deixavam as casas arejadas através da passagem de ar.

Nesta ideia da casa de taipa Vitruvio (2002, p. 23) explica:

Enumera duas formas da utilização do barro na construção desses abrigos, nas quais pode-se perceber os princípios construtivos do pau a pique. Diz o autor: Primeiramente, erguidos os esteios e interpostas as vergôntes, cobriam as paredes com barro. Outros construíam paredes fazendo secar terras lamacentas ligando-as com peças transversais de madeira e, para evitar a chuva e o calor, cobriam-nas com caniços e folhagens. E depois que, por ocasião do inverno, as coberturas não puderam conter as chuvas, fizeram conduzir as águas pluviais por tetos inclinados instalando cumeeiras revestidas de barro.

Muitas crianças tinham renites alérgicas devido a poeira que sempre estava presente. Até animais eram presos no solo dentro das casas, aumentando o risco de doenças. Além disso, essas casas de taipas fixavam insetos que causavam doenças como a mais famosa doença de Chagas, que provocou muitas mortes nas regiões Nordeste e Norte do país.

Muitos cômodos das casas de taipas utilizavam panos como portas para se ter privacidade, principalmente nos quartos onde as pessoas dormiam. A falta de estrutura financeira prejudicava muito as residências e provocava limitações de higiene, de privacidade e das condições básicas de moradia.

Era possível construir as casas com ideias colocadas em rabisco no chão, sem padrões definidos ou projeto de engenharia. Ações muito simples e geralmente as casas apresentavam dois quartos, uma sala, um corredor e uma cozinha, já o banheiro era fora ou não havia, pois as pessoas utilizavam as proximidades das matas para suas necessidades fisiológicas.

Essas casas de taipas no início foram cobertas por palhas de coco, geralmente apresentavam problemas de vazamentos com as chuvas, logo tornavam as paredes de barro encharcadas com água, deixando a casa muito úmida e fria. No momento que a chuva cessava, o dono fazia os reparos necessários. Até parte das paredes que caíam com as chuvas eram refeitas rapidamente pelas pessoas.

Os habitantes dessas casas de taipas viviam em um perigo constante, pois no período de chuva com vento forte, as famílias corriam risco de vida devido a fragilidade do barro com excesso de águas que absorvem e muitas não aguentavam

e desabavam, causando até mortes e muitos habitantes ficavam sem ter um teto para viver.

A técnica das casas de taipa sempre apresentava problemas estruturais seja pelos materiais ou pela estrutura mal realizada, ou as duas juntas. Como afirma Icomos (2001, p.15):

Levantamentos geométricos ou desenhos devem mapear diferentes tipos de materiais, notando sua deterioração e suas irregularidades e danos estruturais, prestando atenção especial aos padrões de fissura e às evidências de esmagamento. Irregularidades geométricas podem ser o resultado de deformações prévias, podem indicar a ligação entre diferentes etapas de construção ou alterações nas estruturas.

Além dessas dificuldades com a falta de estrutura física, havia também os problemas de ordem financeira que prejudicavam ainda mais as condições de moradia, principalmente à noite. Quando a família tinha condições para comprar querosene, garantia a luz durante o período da noite e quando não tinha dinheiro para comprar este líquido, utilizavam fogueiras para ter claridade na noite. A fumaça ofensiva provocava doenças nas pessoas, mas era o único meio de ter luz durante a noite.

A lenha em grande quantidade era utilizada no fogão das cozinhas. A cidade de Mulungu foi construída em volta de matas de caatingas, facilitando a retirada de madeiras para utilização da população. Assim, a madeira extraída da caatinga tinha as utilidades tanto para queimar nas cozinhas como concretizar a construção e ampliação das residências. As árvores da caatinga perdem as folhas dando a visão que elas estão mortas.

A caatinga durante os períodos de seca aparenta ser um lugar com pouca biodiversidade, durante esse período, as plantas da caatinga ficam praticamente sem folhas. Porém, ao cair das primeiras chuvas as plantas renascem, com um verde vibrante a beleza da caatinga contagia os paraibanos, o clima predominante é o semiárido, o clima semiárido possui uma precipitação de chuvas em torno de 800mm por ano, em tempos de abundância hídrica pode chegar a 1.000mm por ano e nas estiagens 200 mm por ano. O sistema de chuvas divide o ano em períodos chuvosos e secos.⁴

A necessidade de habitações modernas das famílias tradicionais e ricas, buscou inovações na engenharia fora do município para construírem casas

⁴ Disponível em < <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/caatinga-na-paraiba/> Acesso em 11. out. 2022.

inovadoras com tijolos, novidades para aquela realidade. Pessoas trouxeram essas ideias para o lugar e assim proporcionaram inovação na habitação na vila.

Ainda no início do século XX apareceram as primeiras casas com telhas de barro, produzida nas imediações do lugar. O barro era introduzido em forma de tábua e depois que ficava firme, era cozinhado diretamente no fogo, ganhando fixação e endurecimento para ficar impensável a água das chuvas.

As primeiras casas de tijolos foram das famílias ricas que possuíam as grandes propriedades de terras locais e os donos dos galpões comerciais. As casas eram construídas com tijolos, que apresentavam forma geométrica de um paralelepípedo, feitos com argila no fogo. Os chamados de “tijolos manuais” pesados com aproximadamente 3 kg, eram unidos com barro para segurar nas paredes e sua forma geométrica ajudava para fixação na construção da casa.

Mas eram um privilégio ter casas com tijolos manuais, logo apenas os ricos tinham tais confortos. Isso garantia prestígios e valores sociais dentro do perímetro urbano. Quanto maior fosse a casa, maior era a indicação da riqueza da família, justamente isso fazia os donos levantarem a frente da casa cada vez mais altas para simbolizar sua riqueza. Garantindo também força política para articular meios de negócios e privilégios econômicos.

Dizem que antigamente as casas das pessoas ricas tinham um telhado triplo: a eira, a beira e a tribeira como era chamada a parte mais alta do telhado. As pessoas mais pobres não tinham condições de fazer este telhado, então construíam somente a tribeira ficando assim "sem eira nem beira"⁵.

No meado do século XX, muitas casas de tijolos foram sendo construídas pela classe pobre, pois os moradores começaram a fabricar seus próprios tijolos manuais, pois o barro havia em grande quantidade disponível e ficava próximo da zona urbana, facilitando a construção dessas casas.

A produção de algodão beneficiou outras atividades como o transporte dos materiais para a construções das casas, pois sugiram os tropeiros locais, homens que utilizavam suas tropas de burros para transportar algodão e muitos foram contratados para carregar os tijolos ou barros para a construção das casas.

Estes tropeiros também cavavam açudes ou barreiros para contribuir com o armazenamento de água nas residências ou nas propriedades rurais de toda a área

⁵ Disponível em <<https://www.soportugues.com.br/secoes/semiranembeira.php>> Acesso em 15. out. 2022.

geográfica de Mulungu e dos municípios vizinhos. Eles eram contratados e trabalhavam mais de 10 horas por dia.

Sugiram as bodegas e conhecidas também por “barracões”, que eram casas de comércios de produtos essenciais para a família e já tinha estas fontes comerciais que serviam para explorar as pessoas sem nível escolar e assim não entendiam de cálculos, daí eram enganados facilmente pelos donos dessas casas comerciais. Para Santos (1979, p. 39),

Há também e, ao mesmo tempo, um circuito inferior, formado por atividades ligadas ao setor popular da economia (pequeno comércio, bodegas, ambulantes, pequenos empreendimentos), os quais se situam parcialmente distantes dos avanços tecnológicos, da modernização e do grande capital. Este circuito está voltado, sobretudo, aos indivíduos que não se beneficiam ou se beneficiam parcialmente destes progressos e técnicas modernas e das atividades a eles ligadas. Tal circuito inferior é formado essencialmente por serviços não modernos fornecidos a varejo e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão.

Nas bodegas encontrava-se uma grande variedade de produtos alimentícios como o feijão, arroz e farinha de mandioca. Já alimentos como carne de charque, a baleia e o bacalhau tinham um processo para a conservação realizado com sal, bastante diferentes das condições de hoje. Havia também produtos de limpeza e higiene pessoal, bem como querosene. O dono geralmente morava no próprio estabelecimento, portanto praticamente não fechava.

As bodegas atraíam pessoas para conversar, tornavam-se pontos de referência para a construção das casas, o que facilitava a compra e a venda dos produtos comerciais, inclusive o valor econômico das casas que ficavam próximas. Outro ponto fundamental para atrair os consumidores, era a venda de bebidas alcoólicas nos copos em pequenas doses como uma espécie de lazer.

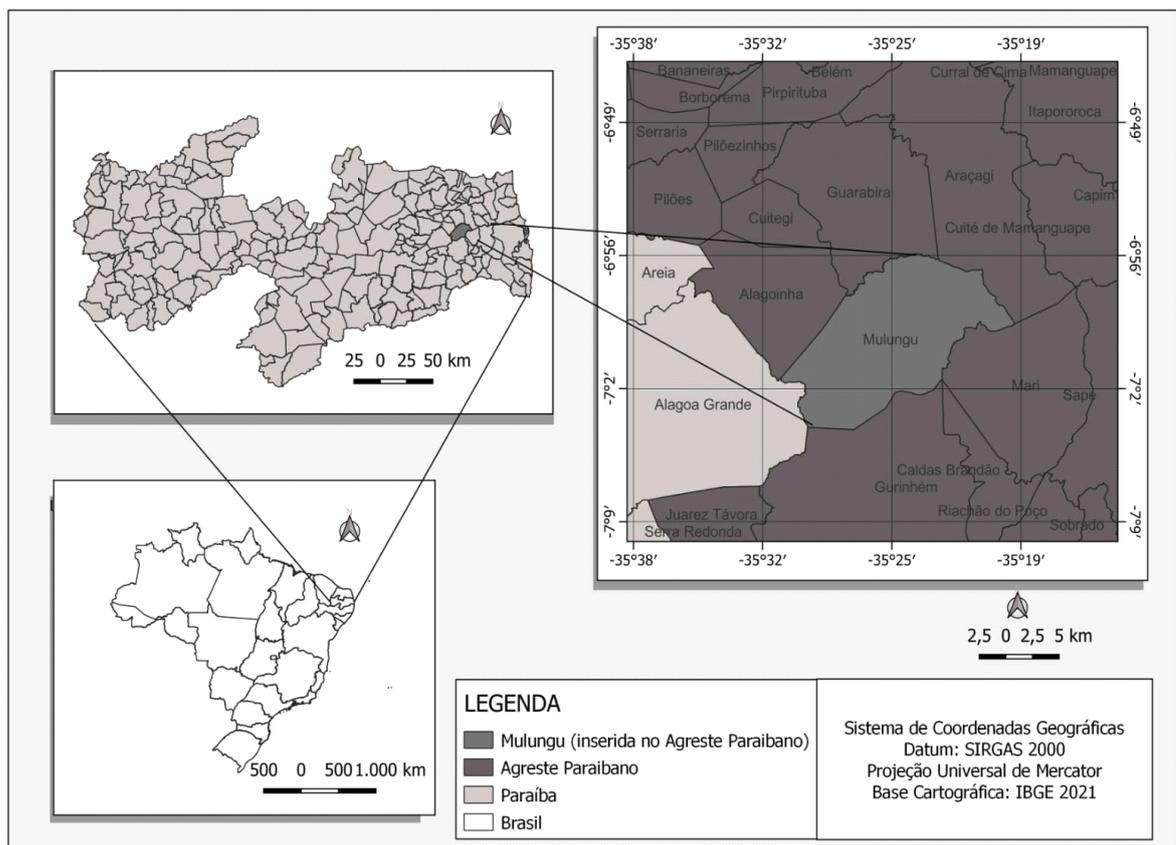
O ato da compra, para o freguês, na mercearia que se situa próximo à sua habitação, não é uma simples relação econômica, excede esta redução, e se constitui numa atividade de lazer, por vezes, com bebidas (um gole de aguardente), conversas (...). A mercearia é também um bar (BARROS, 1989, p. 57).

O diálogo entre uma dose e outra de cachaça ou vinho, gerava compra e venda de mercadorias animadas pelas bebidas. As trocas de produtos também eram frequentes nas bodegas entre os consumidores de produtos, pois até o dono da bodega se envolvia nessas transações comerciais, que hoje são conhecidas como “feiras de trocas”. Nessas trocas havia o destaque para bicicletas, rádios, animais da

raça: bovinos, caprinos, aves, equinos, e das armas como: espingardas, facas e até revólver.

2.1 DESENVOLVIMENTOS URBANÍSTICOS DO MUNICÍPIO DE MULUNGU

O Município de Mulungu-PB está inserido no agreste Paraibano, com a área de 187,259 km², densidade demográfica de 48,48 hab/km². É uma cidade interiorana que se limita ao norte com as cidades de Alagoinha, Guarabira e Araçagi, a Leste com as cidades de Mari e Caldas Brandão e ao Sul com a Cidade de Gurinhém. Tem uma população estima de 9.962 habitantes, conforme Censo do IBGE/2021.



Localiza-se a uma latitude 04°18'20" sul e a uma longitude 38°59'47" oeste.

Mulungu pertencia a Guarabira com o nome de Camarazal, denominação por ser um lugar a colhedor e camarada, assim durou até o início século XX, depois surgiu o distrito de Mulungu, que cresceu o lugar e com a participação da população e o crescimento do povoado, em 27 de setembro de 1959, o então Governador da Paraíba, Flávio Ribeiro Coutinho assinou o decreto que declarava Mulungu como

cidade emancipada politicamente e livre do domínio de Guarabira. Ainda segundo o IBGE.

O Município de Mulungu está inserido na Microrregião de Guarabira, no Estado da Paraíba. Encontra-se a uma distância de 92 km da Capital João Pessoa, a 81 km de Campina Grande e a 28 km de Guarabira. Faz divisas com vários Municípios circunvizinhos, facilitando a circulação de pessoas em passagem para outros centros urbanos, a sua localidade fica numa região estratégica, onde passa a rodovia PB 063 que liga a região do Brejo como também liga a BR 230⁶.

Os projetos urbanísticos e os tributários promovem o orçamento do município que está inserido no Estatuto da Cidade. Este orçamento é importante para o gestor viabilizar os investimentos na administração do município. Criar condições para ação da gestão pública através dos investimentos como: a educação, a saúde, administração urbana enfim todos benefícios que a estrutura da gestão pode oferecer ao município. O orçamento bem planejado é muito importante para o desenvolvimento municipal.

O município de Mulungu está dentro da Lei Federal nº 10.257/2001, visa o Estatuto da Cidade, dentro dos artigos 182 e 183 da Constituição Federal, que estabelece uma série de medidas para organizar geograficamente as cidades e os perímetros urbanos. Instrumento essencial para as convergências institucionalização de políticas de desenvolvimento urbano.

No final do século XX, o plantio do algodão cresceu paralelamente e o trabalho na zona rural era farto para essa cultura da cotonicultura, porém os trabalhadores recebiam muito pouco, que possivelmente tenha resultado em grande parte da pobreza na época. A estrutura social era basicamente formada pelos proprietários latifundiários “O país inteiro foi atingido pelo boom, alinhando-se entre os grandes produtores mundiais da fibra.” (PRADO, 1980, p. 81-82).

A cotonicultura foi essencial para as famílias de Mulungu sobreviverem, mesmo exploradas pelos donos das plantações. Cultura adaptada para o semiárido, onde encontrou clima ideal para seu cultivo no município.

Como primeira iniciativa da cotonicultura em pequena escala, foi desenvolvida uma experiência no município paraibano de Juarez Távora,

⁶ Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-mulungu-pb.html>>. Acesso em: 15. out. 2022.

com população de 15.000 habitantes, sendo 70% rural, com renda média familiar menor que um salário mínimo e com economia com base fundamentalmente na agricultura, cujo produto principal é o algodão. A metodologia de desenvolvimento e a tecnologia de ação social gerada a partir dessa experiência permitiram replicar o projeto em mais cinco municípios do semiárido nordestino, confirmando a viabilidade da cotonicultura social na região (EMBRAPA, 2005, p. 20).

Além do algodão, outra economia rural que se destacou para o crescimento da zona urbana no comércio foi a criação de gado bovino, que crescia muito economicamente. Gerando a produção de leite que era vendida no próprio município e o gado bovino de corte também era vendido no município e para fora nas cidades circunvizinhas. Com a criação de gado bovino, surgiu o vaqueiro, que era trabalhador de fundamental importância nas propriedades com a bovinocultura e levando suas famílias para a vida no campo junto ao trabalho.

Na feira chegavam animais de todos os portes na cidade de Mulungu, atração para quem almeja comprar entre os quais podemos destacar a bovinocultura, a avicultura, a caprinocultura e suinocultura. Nos dias atuais ainda existem essas vendas, mas os criadores preferem mandar para outros grandes pontos comerciais no Estado, onde encontram melhores preços e valorização de seus produtos.

2.2 OS RECURSOS HÍDRICOS DE MULUNGU CONTRIBUÍRAM PARA CONSTRUÇÃO DAS PRIMEIRAS CASAS DO MUNICÍPIO

Desde o início das civilizações que o homem buscou ficar próximo das águas, para facilitar sua vida e em Mulungu não foi diferente. O município se encontra as margens do Rio Mulungu. Possivelmente isso foi um dos pontos para começo do município.

Entender o espaço geográfico de Mulungu, é analisar a relação cidade com o meio ambiente, sobretudo a formação do espaço geográfico que foi delineado pelas ações humanas. A seca contribuiu para a formação urbana de Mulungu e o rio era uma solução para minimizar os impactos para a população.

Como o município está inserido no agreste paraibano, que apresenta escassez de água durante um bom período o ano, o rio Mulungu já foi de suma importância para o lugar. Este rio de Mulungu já foi fonte dos recursos hídricos do município e hoje está completamente poluído, sobretudo envolta da cidade. O rio

recebe os dejetos das casas e dos demais, prédios públicos ou privados, poluindo completamente suas águas e estes dejetos também colaboram para o assoreando em seu leito.

A ação do homem, entretanto, na expansão das diversas atividades econômicas que satisfazem suas necessidades, cada vez mais crescente e variadas, levam – no, muitas vezes a transformar irracionalmente o meio ambiente, tornando mais complexas e custosas as possibilidades de reestruturação do equilíbrio ecológico (RODRIGUES, 2000 p.28).

O rio de Mulungu é um afluente da bacia Mamanguape, onde ao longo do ano apenas no período das chuvas consegue aumentar o volume de suas água e abastecer a sua foz, que fica localizada na área de Proteção Ambiental no município de Mamanguape, que fica aproximadamente 63 km de distância de Mulungu.

A Companhia de Água e Esgotos da Paraíba – CAGEPA, que é a principal fornecedora de água do município de Mulungu, faz o abastecimento de água que vem da adutora Sapé/Mari, municípios vizinhos. Muitas famílias que têm condições, fazem sistemas ou cavam poços artesianos para garantir seu abastecimento durante todo ano. Isto dentro do perímetro urbano, valorizando ainda mais o imóvel que apresenta essas ações hídricas e assim conseguem ter o abastecimento sem interrupção.

Em Mulungu não é apresentado nenhuma solução destas e isso faz a população não ter a consciência da importância da água. A falta de água gera desempregos no campo e contribui para a migração de outras regiões como o sudeste.

Interpretar o Nordeste apenas como região-problema - com áreas assoladas periodicamente pela seca e enormes bolsões de pobreza, onde a ação do Estado quase sempre só fez consolidar velhas estruturas e consolidar velhas estruturas e perpetuar situações de miséria – tornou-se insuficiente, na atualidade, para entender o espaço nordestino. (OLIC, 2000, p.4).

3 O MEIO AMBIENTE E A CIDADE DE MULUNGU

As mudanças no espaço urbano do município de Mulungu mexeram com todo meio ambiente. Isso causou o afastamento de muitos animais como por exemplo: o Lobo-guará, que se encontra na lista de extinção e também a eliminação de algumas árvores históricas, inclusive a árvore mulungu que deu origem ao nome da cidade.

O homem sempre modificou as áreas geográficas com suas construções e causando alterações no meio ambiente. Neste contexto, a ideia de crescimento

urbano do município de Mulungu fez o espaço transgredir os elementos naturais e tornado a cidade um elemento da paisagem arquitetônica.

Para Menezes (2007):

“Quando um rio atravessa a zona central de uma cidade, ele se incorpora à paisagem urbana e ao imaginário coletivo. A construção desse imaginário remete-se frequentemente à função do rio na fundação da cidade e o papel por ele desempenhado na viabilização do crescimento econômico local”.

O desenvolvimento dessas alterações no município de Mulungu foi para reestruturação urbana, onde realmente melhorou a vida das pessoas que vivem na zona urbana, gerando mais confortos, seguranças e dinâmica urbana para a população. É importante frisar que desde as primeiras casas construídas nunca foi pensado nos impactos ambientais causados por essas construções no perímetro urbano.

Isso demonstra como o rio foi importante para a sobrevivência das pessoas nesta área. A população deve reconhecer a importância de ter se fixado próxima ao curso d'água do rio e de ter usufruído de suas benfeitorias desde o passado até os dias atuais.

Para Pitombeira (2006, p. 09):

As cidades, na maioria das vezes, formaram-se e desenvolveram-se em decorrência da existência de algum curso d'água, seja pelo suprimento de água para as necessidades domésticas, para assegurar o desenvolvimento de atividades produtivas ou por serem meios de transporte e de comunicação. A autora exemplifica que, no Brasil, quase todas as capitais possuem importantes rios associados à sua imagem, como o Rio Negro em Manaus, o Guamá em Belém, o Parnaíba em Teresina, o Capibaribe e Beberibe em Recife, o Tietê em São Paulo, o Guaíba em Porto Alegre e o Rio Belém em Curitiba.

Os esgotos da cidade de Mulungu sempre foram despejados dentro do rio e isso causou a poluição das águas e provocou inúmeros problemas de saúde na própria população. As pessoas fizeram isso a vida inteira com a maior simplicidade, sempre achavam que isso era normal sem uma consciência ecológica. Ainda hoje observa-se em grande escala os flagrantíssimos dos canos lançando os detritos dentro do rio.

Vê-se a cidade crescendo de modo assustador, sufocando impiedosamente esses rios como se eles não tivessem nenhuma importância para o cenário ambiental da urbe. E isso é flagrantemente constatado, ora ao verificar-se a constante confinamento desses cursos d'água em exíguos e humilhantes canais tubulares ou galerias pluviais, ou transformando-os em esgotos a céu aberto. (PITOMBEIRA, 2006, p.11).

3.1 AS MUDANÇAS ECONÔMICAS NO ESPAÇO URBANO DE MULUNGU

A população de Mulungu enfrentou muitas dificuldades na infraestrutura para organizar a cidade, pois a classe rica e dominante buscou ficar com o centro da cidade, onde encontra-se com facilidade serviços essenciais e mais opções de lazer. Desde do início os que têm melhores condições vivem no centro urbano e a classe mais pobre foi empurrada para as periferias ou para longe do centro.

No começo do século XX, a escola era para poucos, sobretudo para a classe rica. Os filhos das famílias mais carentes tinham que trabalhar para contribuir com o rendimento familiar e não podiam disputar com os filhos das famílias ricas, que ficavam com essas vagas escolares. As habitações dessas famílias já ficavam longe da feira e das escolas, que se localizavam no centro do município.

A cidade de Mulungu colocou a engenharia nas suas ações públicas e acrescentou um nível de qualidade nas obras de construção e na infraestrutura das suas vias públicas. Criou ações como galerias para as águas fluviais e retiradas de alguns imóveis incabíveis, gerando uma ampla área de lazer e conforto para a população. Essas obras públicas melhoraram consideravelmente a urbanização do município. Nova realidade urbana na cidade de Mulungu credibiliza os imóveis do lugar e assim valorizando ainda mais o núcleo urbano do município.

O comércio cresceu com a emancipação política do município, no dia 27 de setembro de 1959, daí surgiu também uma feira que valorizou os imóveis próximos a vendas dos produtos. Isso modificou o direcionamento para as pessoas construírem imóveis perto da feira para valorizar suas residências e desenvolver melhor seus comércios. Do mesmo modo, o indicador de crescimento econômico é voltado para as casas do centro de Mulungu. Esta foi uma característica do município para fortalecer sua extensão urbana.

Nesse contexto, o desenvolvimento econômico já era considerado indicador de crescimento econômico (incrementos positivos no produto) acompanhado por melhorias do nível de vida dos cidadãos e por alterações estruturais na economia. Para ele, o desenvolvimento depende das características de cada país ou região. Em outras palavras, depende do seu passado histórico, da posição e extensão geográfica, das condições demográficas, da cultura e dos recursos naturais que possuem (SANDRONI, 1994. p. 25).

O centro da cidade de Mulungu, onde se encontra os principais comércios e a maior prestação de serviços do município, estabelece-se, com isso, uma influência para a atrair pessoas e eventos comerciais para promover esse lugar. Sempre as manifestações populares acontecem nesse espaço.

Neste contexto, o desenvolvimento econômico de algumas famílias produziu mudanças sociais importantes nos mecanismos de política partidária e as ações dentro do município. As transformações econômicas de todas as famílias de Mulungu melhoraram significativamente, principalmente nos anos 2003 até 2011, quando o Governo Federal desenvolveu ações que produziram rendas e empregos para a população.

Segundo Souza (1993, p. 32),

O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformação de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social. Desenvolvimento nada mais é que o crescimento – incrementos positivos no produto e na renda – transformados para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras.

As manifestações folclóricas e os desfiles cívicos também são realizadas no lugar onde tem a feira livre. Portanto, tudo girou no mesmo lugar para valorizar os imóveis e centralizou os prédios públicos como a prefeitura e os serviços essenciais como os correios, os supermercados e as ações populares.

Para Jacobs (1969, p.36):

As cidades estão para a economia como os núcleos atômicos para o átomo. Toda a vida econômica passa e depende das cidades. É nas cidades que as pessoas moram, trabalham, recebem educação, realizam suas compras etc., o que justificaria o estudo da dinâmica dos municípios. Essa dinâmica pode estar associada a vários fatores, tais como o estoque de infraestrutura local, o estoque de riqueza, a concentração industrial, a qualificação profissional etc. A hipótese é que o coeficiente tecnológico da equação de produção seria função desses fatores, uma vez que eles podem influenciar o nível tecnológico de uma região e, assim, determinar suas condições de produção e distribuição da renda.

A educação do município mudou muito, aumentou consideravelmente as vagas para todos e as escolas se multiplicaram, gerando empregos para os professores e os demais profissionais da educação. É bem verdade que o Governo Federal tem contribuído com a educação, criando programas para beneficiar a economia da família e assim garantir a presença das crianças dentro da sala de aula.

As escolas do município de Mulungu criaram um aspecto social envolvente e aproximou a população mais carentes para melhor conhecimento de moradia, saúde, lazer e fazendo o município ser moldado pelas ações da cidadania. Formando o conhecimento para trilhar ações humanísticas dentro do perímetro urbano. A educação é um princípio básico para o homem viver em comunidade, então o município de Mulungu ampliou as condições estruturais das escolas, levando os benefícios a população, com uma gestão voltada para o desenvolvimento entre si, dando melhores condições para enfrentar seus problemas com mais consciência.

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade. (SAVIANI, 1991, p.55).

Estabelecer ações urbana hoje sem estratégia de engenharia, é perder área, direções geométricas e prejudicar a própria comunidade, que precisa de engenharia urbana para melhor viver. Analisar isso é credenciar a educação urbana como uma prática social e esta é uma realidade para a composição das vias urbanas, das diretrizes dos imóveis e das modernidades facilitadoras para o homem viver bem.

Assim, temos ruas bem construídas e fácil acesso para a escola, supermercados, igreja e todas as atividades humanas que possam ser realizadas na sociedade. Cabe a cidade oferecer dentro do perímetro urbano essas comodidades que são elaboradas e executadas na infraestrutura de forma correta pela engenharia urbana.

O município de Mulungu vem apresentando essa visão de obras urbanas com engenharias e as atuações de infraestrutura diferenciadas que já existiam. A força da educação constrói a consciência e a influência na melhoria de vida habitacional, pois o bom planejamento do espaço urbano traz melhorias de infraestrutura, dá condições firmes para o crescimento das ideias sociais, econômicas e culturais.

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade, de sua cultura e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir sobre questões que lhe são afetas, dando-lhe unidade, vigor e direcionamento firme (LUCK, 2009, p. 29).

4 METODOLOGIA

A pesquisa abordou in-loco a população das diferentes classes econômicas, principalmente os moradores mais antigos do lugar para chegar as respostas dos questionários, que visavam montar esta obra científica. A pesquisa também recebeu forte influência dos autores renomados para cada passos no norteamento do desenvolvimento da escrita.

No questionário realizado foi perguntado como eram no passado as moradias e as transformações feitas pelos moradores atuais. Nas respostas dessas questões formuladas, foi possível entender as modificações significativas do meio social e econômicos através dos imóveis, das ruas, e dos conjuntos habitacionais. Seguindo ainda o questionário, analisou-se a qualidade de vida dos habitantes no presente e do passado do século XX.

Todavia, para fundamentar este trabalho, realizou-se as seguintes modalidades de pesquisas: bibliográfica e participante. Para tal, é importante frisar que a pesquisa bibliográfica básica é obrigatória e nos dar acesso a diversos materiais (livros, revistas) eletrônicos e impressos, desenvolvidos a partir dos estudos de autores pesquisadores.

Todo e qualquer trabalho acadêmico requer um conhecimento sobre os livros, artigos periódicos de modo impresso, eletrônico, sendo imprescindível um processo metodológico, certo caminho a seguir, como forma de ser racional e econômica para aquele que realiza a pesquisa (SOUZA, 2001, p.59).

A metodologia utilizada na pesquisa descreve com detalhes as categorias trabalhadas para sua execução. Ainda nesse tópico, enfatiza-se itens primordiais no desenvolvimento deste estudo, tais como: tipo da pesquisa, sujeitos participantes, critérios éticos, instrumentos de pesquisa e procedimentos de análise de dados.

Para a realização desta pesquisa, recorreremos principalmente aos procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica para a compreensão ampliada do tema, fazendo-se também de pesquisa de campo para analisar e conhecer na prática as habitações e suas mudanças ocorridas durante a história do município de Mulungu desde os tempos mais remotos.

Portanto, a abordagem desta pesquisa foi de maneira mais qualitativa, por entender que ela nos propiciou mais proximidade da realidade do sujeito em estudo,

e simultaneamente descreve com clareza os principais fatos considerados fundamentais na pesquisa.

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento (OLIVEIRA, 2012, p. 117).

Os aspectos metodológicos utilizados nesta obra científica comprovaram ter grande visão real das modificações que houveram em Mulungu, os diagnósticos precisos realizados nos diversos locais de cada parte da cidade, os delineamentos da administração pública para o centro e para as moradias mais distantes esclareceram essas diferenças sociais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mulungu é uma cidade do interior da Paraíba que mostra um exemplo de transformação habitacional, onde ao longo das décadas houveram muitas transformações no espaço urbano, principalmente por conta das ações e transformações desenfreadas pelo avanço do capitalismo como ocorreu em outras cidades brasileiras. Seu centro urbano não tem mais as antigas casas, pois tiveram transformação por completa. Os velhos casarões deram lugar a inúmeros prédios e casas modernas até com toque de luxo.



Vista aérea do município de Mulungu- Fonte: Autoria própria (2022)

O centro urbano viveu um processo de urbanização com muitas modificações de ruas projetadas geograficamente correta e desencadeou uma performance diferenciada no modo de viver nas moradias. Residências essas com armazenamento de água, vigilâncias noturnas com câmeras e centralização das necessidades básicas do homem como por exemplos: supermercados e serviços públicos.

Seguindo essa linha, as moradias passaram a ter verticalidade e utilizando os espaços do lugar. Afirma Trindade Junior (1997, p 57): [...] “crescimento populacional, com também numa série de medidas diretamente voltadas para a estruturação do espaço urbano, dada as dimensões e a relevância que esta passa a ter nas famílias”.

Neste contexto mencionando a cidade, ruas foram alargadas geometricamente com ação administrativa da prefeitura, onde outras ruas surgiram na medida dos interesses públicos. O comércio estalado no centro urbano atraiu medidas de segurança para a área, pois o giro do dinheiro em grande quantidade necessita de maior proteção tanto pública quanto privada. Comentou Sarges (2002, p. 135), “É nesse contexto histórico e cultural que a rua, espaço de circulação de todos os tipos sociais, exigiu uma reurbanização, de modo que viesse atender essa elite”.



Mercado Público antes e depois - Fonte: Autoria própria

O Mercado Público foi reformado e mudaram o lugar dos ambulantes deixando a frente do mercado livre para a passagem das pessoas. Isso foi

fundamental na revitalização do Mercado Público para as compras e a mobilidades das mercadorias.

As modernidades de engenharia estão presentes nas praças com uma atração para a prática de esporte, exercícios físicos e lazer. Os famosos “bancos de praça” para os diálogos foram modernizados com materiais de qualidades. E os espaços foram ampliados, mostrando a engenharia trabalhando com qualidade e a população é que ganha tudo isso.

É importante relatar que faltou a visão ecológica nas transformações urbanas, pois ainda há centenas de esgotos das residências despejando dentro do leito do rio Mulungu, poluindo-o cada vez mais e tornando-o inacessível. Prejudicando a fauna e a flora que cercam a zona urbana do município. Os resultados são visíveis através das águas poluídas e o mal cheiro que está estabelecido nas proximidades das residências locais.

Muitas casas não têm fossa séptica e lançam diariamente seus dejetos dentro do rio. Isso tem causado indignação a parte da população e a prefeitura municipal tem tentado contornar o problema. Para solucionar tal problema, os moradores devem subsidiar os custos e fazerem a fossa séptica para as residências que tiverem área disponível. Já os moradores que não têm lugar para montar esse armazenamento de detritos, precisam fazer uso da engenharia para transportar de forma alternativa e ecológica esses materiais poluidores.

Assim que o problema for resolvido entre os moradores e a administração pública, deixando de poluir o rio de Mulungu, precisa de um monitoramento contínuo para não aparecer mais poluentes nas próximas gerações. Se historicamente as residências sempre jogaram seus detritos no leito do rio desde o início do município, hoje necessita-se que a população seja conscientizada para evitar esses impactos ambientais. O município deve fazer um programa e contribuir financeiramente para esse processo de revitalização do rio, que é de suma importância para a qualidade de vida dos moradores, acarreta um gama de benfeitorias para a própria população.

A avaliação da qualidade da água, bem como sua evolução no tempo-espço, só será possível através da implementação de programas sistemáticos de monitoramento, resultando em séries históricas que, futuramente, possam ser analisadas a fim de estabelecerem-se padrões de distribuição sazonais e espaciais para indicadores bióticos e abióticos. O conhecimento destas variações poderá ser manipulado e utilizado para a previsão da qualidade da água durante o ano hidrológico, além de subsidiar parâmetros de operação dos reservatórios (FREIRE, 2000, p. 34).

No centre urbano de Mulungu notamos que ficou restrito para a população elitizada, porque a grande maioria dos moradores são de classes alta. Donas das grandes construções residenciais e com poderes econômicos. Essas famílias buscaram mais benefícios habitacionais junto com os governos municipal e estadual, em prol de seus próprios imóveis. Causando preços elevados dos imóveis nessa área, resultando assim o afastamento da classe vulnerável. Acredita-se que o desenvolvimento físico apareceu nas residências, entretanto na contramão deste contexto, limitou a moradia das pessoas mais carentes.

Algumas famílias que passaram a morar distante do centro urbano de Mulungu, foram viver em conjuntos e agregados habitacionais. Na parte leste do município, onde fica o conjunto Achilles Leal, próximo é também encontrada Escola Cidadão Integral Major Antônio de Aquino, que é a maior escola do município e a única do ensino médio. Nesse conjunto encontramos o único posto de gasolina de Mulungu e que fica nas margens da Rodovia PB 063.

Esta Escola Major Antônio de Aquino foi deslocada para essa área que tem bom espaço e bastante arejada, essa unidade escolar conta com uma quadra poliesportiva. Essa escola recebe alunos de toda zona urbana e rural, bem como do distrito de Mulungu, que é Gravatá, lugar com aproximadamente 1000 habitantes.

O conjunto Achilles Leal tem um padrão para as casas, seu calçamento é bem estruturado com ruas geometricamente corretas, saneamento básico e que funciona com as águas dos esgotos e as águas pluviais no período de chuva, resultando em um bom planejamento.



Conjunto Achilles Leal com a construção da Praça Poliesportiva - Fonte: Autoria própria

Essa área tem uma grande praça de esporte que contribui para evitar as drogas e mantém os jovens praticando esportes. É importante relatar que há uma quantidade de bares no lugar, levando as pessoas ao alcoolismo. Há relatos que dizem que é o lugar mais violento do município. Isso mostra a necessidade de uma maior atuação dos governantes em relação a segurança pública.

o surgimento de vários órgãos federais destinados ao desenvolvimento de políticas de planejamento e financiamento da habitação para o território nacional, principalmente, durante a gestão dos governos militares, cuja visão autoritária, integracionista e centralizadora do território fez surgir uma expansão urbana desconexa com a realidade de cada cidade. (FILHO, 2003, p.15).

As famílias do conjunto Achilles Leal vivem de trabalho na agricultura de subsistência, nas construções civis na cidade de João Pessoa e dos trabalhos informais, sobretudo nas feiras livres. Muitas famílias recebem os auxílios que o Governo Federal distribui e depende exclusivamente deste dinheiro para sobreviver.



Conjunto José Alves Pereira as margens da PB 063 antes e depois - Fonte: Autoria própria

Na parte oeste da zona urbana de Mulungu, as moradias são casas populares feitas pelos Governo Federal e outra parte são casas construídas com alvenaria pelos próprios moradores agregados as áreas que foram desapropriadas pelos órgãos públicos. Famílias carentes que vivem das construções de moradias em outras cidades, inclusive João Pessoa e das ajudas que o governo oferece com os auxílios. Nessa área tem um campo de futebol que leva as crianças e os jovens praticar esportes, principalmente futebol e vôlei.

Nesta área tem um girador com um chafariz, que é um ponto turismo do município. Lugar também bastante comercial e próximo da feira livre, onde as moradias são extremamente caras. Um dos pontos centrais de Mulungu com muitas atividades financeiras.

O Município de Mulungu também apresenta a área que tinha a ferrovia e os barracões do início do século XX, onde negociavam a compra e venda do algodão. Localizado na parte sul da cidade, há casas que são de tijolos manuais do século passado e as novas moradias com primeiro andar e com um toque de engenharia-tecnológica. Portões que abre com controle remoto, paredes com materiais 3D, luzes de LED, enfim muitos recursos habitacionais atribuídos as novas tecnologias.

Nesta parte sul de Mulungu há também famílias carentes que vivem como as outras famílias desprovidas de todo o município. Entretanto, nesta área há um número maior de empregos devido as atividades de pinturas de automóveis, recuperações de construções e os trabalhos com soldagem de manutenção.

Um dos pontos convergentes de toda cidade de Mulungu é o uso da internet, logo não importa o lugar onde as pessoas acessam infinitamente essa ferramenta de tecnologia e comunicação. A inclusão digital forma uma igualdade que todos tem direito de utilizar o acesso das infinitas informações. Aborda-se a utilização das redes e mídias sociais pelos Mulunguenses e sua influência na vida destes moradores, tornado eles mais esclarecidos e mais firmes nas suas decisões de cidadania.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções urbanas modificaram o espaço geográfico e as cidades estão fazendo parte das paisagens arquitetônicas cada vez mais com suas áreas de concretos armados, edificações verticais e asfaltos. Isto está em todas as partes do território nacional e o município de Mulungu está inserido neste contexto.

Hoje, com poucas árvores no centro urbano de Mulungu, as casas e os prédios tomaram conta de toda a cidade. Os imóveis formaram um caleidoscópio de cores e de pedras agregadas com cimento. O centro da zona urbana de Mulungu ficou bastante disputado pelo comércio e os valores destas edificações tem aumentado consideravelmente. PCN (BRASIL, 1998), orientações estas que indicam o trabalho de questões ambientais em todas as ciências.

Essa alta valorização dos imóveis afastou as pessoas mais carentes do centro de Mulungu, criando um círculo limitado de moradores denominados de “elite financeira” e com grandes influências políticas no município. Norteando os passos do comércio e produzindo ações que essa classe se beneficia.

As construções de imóveis estão cada vez mais sofisticadas no centro de Mulungu chamam a atenção, com um toque de engenharia moderna nas estruturas físicas e têm requinte de qualidade. Os imóveis comerciais bem estruturados facilitando as compras de mercadoria com bons atendimentos, valorizam o mecanismo econômico que por sua vez atrai a atenção da população para não sair do município e comprar em outras cidades circunvizinhas.

É uma centralização comercial entre a feira livre e esses imóveis comerciais em um só lugar. Enfim, a estratégia dos comerciantes visa a circulação do dinheiro no centro da cidade. Os consumidores podem comprar quase tudo nessas ruas centrais do município de Mulungu.

As casas antigas do século passado praticamente não existem mais, deram lugar as novas estruturas residências e as que ainda resistem, têm sido reformadas suas características, principalmente na frente dessas moradias. Sem tombamento histórico, o centro urbano Mulunguense está totalmente diferente do século passado e não existem mais espaço para novas construções.

As outras áreas urbanas têm crescido muito, pois as classes vulneráveis buscaram essas alternativas. Foram criados conjuntos, vielas e periferias por toda o perímetro urbano afastado do centro, onde permanece uma tendência do

analfabetismo, o alcoolismo e a violência, bem como os índices elevados de drogas ilícitas.

Especificamente no maior conjunto urbano do município e no distrito de Gravatá, as ruas têm calçamento e água encanada e em algumas partes têm saneamento básico. Dentro do perímetro urbano há sempre os serviços públicos como a coleta de lixo, mercado público, postos de saúde, secretarias municipais entre outras.

O município de Mulungu sempre usufruiu do meio ambiente para suas construções desde o século passado com as casas de taipas, onde utilizou as madeiras da mata da caatinga para a construção de moradias populares e do rio para as necessidades hídricas da população.

Seguindo este contexto, a população de Mulungu ainda faz uso do que resta da mata da caatinga, a própria árvore que deu nome ao lugar praticamente não existe mais. Os esgotos das residências ainda estão jogando os dejetos dentro do leito do rio, poluindo suas águas e causando doenças a própria população.

É necessário desenvolver um processo educacional no município de Mulungu, sobretudo na zona urbana. Esclarecimentos para mostrar os moradores meios adequados para a comunidade viver corretamente com o rio Mulungu e desenvolver a ideia de reciclagem para evitar a poluição tanto do rio como nas suas margens. Para Oliveira (2005, p.37), as questões relacionadas à Educação Ambiental são tratadas de forma rasa e sem problematizarmos tais ações ou, muitas vezes, reduzindo nas ações pontuais no espaço escolar.

Trabalhar também a ideia de uma usina de reciclagem para evitar que o lixo vá para as extremidades da cidade. Outra visão é a preservação do resto da mata da caatinga, incluindo o reflorestamento dessas áreas. Utilizar as técnicas de sustentabilidade com conservação dos recursos naturais ainda existentes. A conscientização de todas as autoridades se faz necessária, como também uma ação conjunta em prol do rio que tem fornecido água durante todo tempo para o município de Mulungu.

Quando os moradores se conscientizarem que o meio ambiente pode trazer qualidade de vida, assim reflorestarem e não poluírem mais o rio, bem como construções das moradias podem impactar menos a natureza, pode se afirmar que o município de Mulungu terá uma evolução em seu perímetro urbano ideal para se viver.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nilson Cortez Crócia de. **A mercearia em cidade sertaneja do Nordeste do Brasil**: estudo de geografia urbana na cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba. Relatório de Pesquisa CNPq, UFPB, 1989. 83f.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2002.

CEPED UFSC Seca e Estiagem no Brasil – **Conheça os Dados, Referências e Outras Informações**. Disponível em: <http://www.ceped.ufsc.br/seca-e-estiagem-no-brasil-conheca-os-dados-ate-2012>. 2015.

EMBRAPA ALGODÃO, **Produção de algodão naturalmente colorido no semi-árido Nordestino**. Revista Brasileira de Oleaginosas e Fibrosas. Campina Grande, 2005.

FERNANDES, Cláudio. **"Secas do Nordeste"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/secas-nordeste.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2022.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (org.). **Cotidiano Escolar: Formação de Professores (as) e Currículo**. 2 ed. São Paulo: Cortez 2008, p. 175.

FREIRE, R. H. F., PAULINO, W. D. e Almeida, M. M. M. **Monitoramento qualitativo como ferramenta de gestão dos corpos d'água**. In: XIV SIMPÓSIO BRASILEIRO DE RECURSOS HÍDRICOS, 2001, Aracaju/ SE.

ICOMOS. **Recomendações para análise, conservação e restauração estrutural do patrimônio arquitetônico**. Tradução: Sylvia Puccioni. Paris: 2001.

MAIA, Sabiniano. **Caminhos da Paraíba, 1500-1978**. João Pessoa: A União, 1978.

MATIAS, Átila. **"Região Nordeste"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/regiao-nordeste.htm>. Acesso em 14 de outubro de 2022.

MENEZES, M. L. P. **A cidade e o rio, o rio e a cidade: Espaços para o Público**. Scripta Nova, Barcelona, v. 11, n. 245, 2007. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24535.htm> Acesso em: ago. 2013.

OLIC, Nelson Bacic. **O Nordeste, nos 40 anos da Sudene**. Jornal Mundo Jovem. Ano 8, nº 6, outubro de 2000.

OLIVEIRA, Ana Maria de; Ângela Dalben; Júlio Diniz; Leiva Leal; Lucíola Santos. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente** (Coleção Didática e Prática de Ensino). 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, v. 1, p. 21-42.

OLIVEIRA, Francisco Aldenor da Silva. **A Agricultura de Subsistência no Município de Jacaraú/Pb: Sustentabilidade e Problemas Ambientais Decorrentes** (Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba), Guarabira/PB, 2006, p 60 .

OLIVEIRA, Julio Cesar Melo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Campina Grande: S/e, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PESSOA, Petrucio Ladjanio. **Tropeiros ou roceiros? Estudo de uma comunidade rural em São Vicente do Serido - PB (1923-1933)**. Campina Grande: S/e, 2009.

PITOMBEIRA, S. C. Nossos Rios, **Nossa Responsabilidade**. *Revista de Direitos Difusos*, São Paulo, v. 7, n. 39, p. 09-19, 2006.

PRADO Júnior, Caio. **História Econômia do Brasil**. 25ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RODRIGUES, Janete Lins. **ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA**. Coordenadora: 2ª edição. João Pessoa: Grafset, 2000.

SANDRONI, P. **Dicionário de economia**. São Paulo: Atlas, 1994.

SANTOS, Milton. **O circuito inferior chamado “setor informal”. Por quê? Pobreza Urbana**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1979, p.47-64.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “Velho Intendente”** Antonio Lemos (1869- 1973). Belém: Paka-Tatu, 2002.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Escrevendo e normalizando trabalhos acadêmicos: um guia metodológico**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

TRAVASSOS, Ibrahim Soares; Souza, Bartolomeu Israel de; Silva, Anieres Barbosa da. **Secas, Desertificação e Políticas públicas no Semiárido Nordestino Brasileiro**. 2013.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: UFPA/NAEA/PLADES, 1997.

VASCONCELOS FILHO, João Manoel de. **A produção e reprodução do espaço urbano no litoral norte de João Pessoa: a atuação dos agentes imobiliários**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2003 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

VITRÚVIO POLIÃO, Marco. **Da arquitetura**. 2 ed. Tradução e notas: Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo: Hucitec / Annablume, 2002.<
<https://www.paraibacriativa.com.br/artista/caatinga-na-paraiba/>> Acesso em 11. out. 2022.

ANEXO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**Questionário da pesquisa: O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO NO MUNICÍPIO
DE MULUNGU-PB**

**Gostaria de contar com a sua colaboração respondendo a este questionário,
cujo objetivo entender o processo de urbanização no município de Mulungu e
qualidade de vida que a cidade lhe proporciona.**

DADOS PESSOAIS DO PESQUISADO

1) Qual área do município que você mora?

- Centro
- Zona Leste
- Zona Oeste
- Outros _____

2) Sua idade é:

- 18 anos
- entre 18 e 25 anos
- entre 26 e 30 anos
- Outros _____

3) Estado Civil:

- Casado(a)
- Solteiro(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)
- Outros: _____

- 4) Maior grau de instrução:
- Ensino Fundamental Completo
 - Ensino Médio Completo
 - Ensino Fundamental Incompleto
 - Ensino Médio Incompleto
 - Superior
- 5) Em que medida as características da sua habitação (casa / apartamento), tais como tamanho da habitação, dimensões dos ambientes, entre outros, correspondem às suas necessidades?
- Muito pouco
 - Muito
 - Completamente
 - Outros: _____
- 6) Você gosta do processo de urbanização no município de Mulungu?
- Muito pouco
 - Muito
 - Completamente
 - Outros: _____
- 7) A urbanização de Mulungu oferece a qualidade de vida para os moradores?
- Muito pouco
 - Muito
 - Completamente
 - Outros: _____
- 8) Quais as maiores dificuldades para o morador de Mulungu?
- Empregos
 - Segurança Pública
 - Transportes
 - Recurso hídricos
 - Outros: _____
- 9) Você (ou seus filhos) usa os espaços livres públicos (área de lazer, quadras de esporte, play-ground, equipamentos de ginástica) da sua cidade?
- Não
 - Muito pouco
 - Bastante
- 10) Qual é área que deve melhorar na urbanização de Mulungu?
- Saúde
 - Segurança Pública
 - Educação
 - Saneamento Básico
 - Outros: _____